

O INFAMILIAR NAS GEOCARTOGRAFIAS DOS DIÁRIOS DE RAHEL VARNHAGEN E MARIA GRAHAM

The uncanny in the geocartographies in the diaries of Rahel Varnhagen and Maria Graham

Lo infamiliar en las geocartografías de los diarios de Rahel Varnhagen y Maria Graham

Elis Crokidakis Castro¹

Luís Antônio Monteiro Campos²

DOI: 10.31501/esf.v3i31.15140

Resumo: Neste artigo, através dos diários de Rahel Varnhagen e Maria Graham, duas mulheres do Romantismo, analisaremos a presença do infamiliar nas suas escrituras. Objetivamos mostrar, que mesmo sem ter espaço, a voz feminina resistiu nos seus diários e cartas onde elas nos revelam suas mentes, suas interpretações da realidade e suas subjetividades, trazendo o que lhes é familiar ou não. Nossa fundamentação está no texto de Freud, de Walter Benjamin, Hanna Arendt, Seligmann-Silva e muitos outros.

Palavras-chave: Diários. Subjetividade. Mulher. Romantismo. Geocartografias

Abstract: In this article, through the diaries of Rahel Varnhagen and Maria Graham, two women of Romanticism, we will analyze the presence of the uncanny, in their writings. Our aim is to show that even without space, the female voice resisted in their diaries and letters, where they reveal their minds, their interpretations of reality and their subjectivities, bringing what is familiar or unfamiliar to them. Our basis is Freud, Walter Benjamin, Hanna Arendt, Seligmann-Silva and many others.

Keywords: Diaries. Subjectivity. Woman. Romanticism. Geocartographies.

Resumen: En este artículo, a través de los diarios de Rahel Varnhagen y Maria Graham, dos mujeres del Romanticismo, analizaremos la presencia de lo infamiliar en sus escritos. Nuestro objetivo es mostrar que, incluso sin espacio, la voz femenina resistió en sus diarios y cartas, donde revelan sus mentes, sus interpretaciones de la realidad y sus subjetividades, aportando lo que les es familiar o desconocido. Nos basamos en Freud, Walter Benjamin, Hanna Arendt, Seligmann-Silva y muchos otros.

Palabras-clave: Diarios. Subjetividad. Mujer. Romanticismo. Geocartografías

¹ Pós-doutora; Unifachal, Rio de Janeiro - RJ, Brasil. eliscrokidakis@yahoo.it | <https://orcid.org/0000.0001773527>

² Pós-doutor; Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro - RJ, Brasil. campox1@gmail.com | <https://orcid.org/1000.00227075593>

Dossiê: Comunicação infamiliar

“Todo seu esforço era de expor-se à vida de modo que esta pudesse atingi-la
como estar numa tempestade sem um guarda-chuva”

(Hannah Arendt falando por Rahel)

Este texto pretende ser não só uma geografia (onde os espaços serão descritos), mas antes disso uma cartografia da subjetividade das duas personagens em foco, que buscam na forma do diário e das cartas uma explicação ou uma construção para seu próprio ser e do seu viver que em inúmeros momentos trazem aspectos do que Freud (2019) chamou de infamiliar³. Poderíamos dizer que são dois os tipos de diários que vamos examinar: o diário convencional e o diário relato de viagem. No entanto, essa distinção não pode sugerir gavetas fechadas dentro da possibilidade de observação das escrituras.

Nosso objetivo é chamar atenção para a escritura das mulheres que são personagens de si mesmas, quando elas escrevem seus diários no início do século XIX, em pleno Romantismo. Nossas personagens são Rahel e Maria Graham.

Rahel Varnhagen abre seu diário com a seguinte frase “O que você está fazendo? Nada. Estou deixando a vida chover sobre mim” (Arendt, 1994, p. 11)⁴. Essa personagem era judia, alemã e deixa de propósito sua vida escrita, que será examinada por outra judia, alemã, Hannah Arendt. O livro de Arendt (1994) é uma biografia diferente, que chama atenção e instiga pela sua forma inovadora de falar da pessoa biografada. Não possui uma ordem cronológica severa, nem a descrição minuciosa dos fatos

³ “Infamiliar” - Não há nenhuma dúvida de que ele diz respeito ao aterrorizante, ao que suscita angústia e horror, e, de todo modo, estamos seguros de que essa palavra nem sempre é utilizada num sentido rigoroso, de tal modo que, em geral, coincide com aquilo que angustia. (Freud, 2019).

⁴ Arendt, H. (1994). *Rahel Varnhagen, a vida de uma judia alemã na época do romantismo*. Relume Dumará. Entrada do diário de Rahel, 11 março de 1810.

Dossiê: Comunicação infamiliar

ocorridos. O livro parte dos escritos de Rahel que foram guardados por seu marido Varnhagen. Este foi o responsável pela publicação e guarda de tudo que Rahel escreveu. Foi ele também quem transcreveu os textos, o que pode sugerir, como Arendt fala, certos lapsos de coisas. Rahel morre em 1833 e o estudo de Arendt (1994) data da primeira metade do século XX, sendo o prefácio de 1958, onde ela fala que estes escritos datam de muito antes. Rahel também, segundo Arendt (1994), foi responsável pelo culto de Goethe em Berlim e de certa forma ela foi a porta voz do que acontecia na cidade naquela época romântica.

Todavia sua voz não era a oficial, mas por seus textos temos acesso a história a contrapelo como chama Walter Benjamin. Uma história que não é aquela descrita nos livros e manuais e sim uma história que pela voz e escritos de uma mulher, judia, feia, pobre, marginal, traz à tona o infamiliar de aspectos de sua vida e de sua forma de vivenciar o mundo.

Freud, em seu texto, chama a atenção para uma observação de Schelling, que diz algo absolutamente novo a respeito do conteúdo do conceito de infamiliar, para o qual, certamente, nossa expectativa não estava preparada. “Infamiliar seria tudo o que deveria permanecer em segredo, oculto, mas que veio à tona” (Freud, 2019, p. 58). E sem dúvida, é isso que faz Rahel ao escrever. Traz à tona o que não era normal para uma mulher, a exposição a que ela se expôs a ponto de seu marido ao trabalhar nos textos depois de sua morte, ser quase leviano retirando partes que poderiam trazer algum tipo de prejuízo para sua memória. A infamiliaridade que existe nesse texto remete-nos também a uma angústia em sua construção e isso é claramente evidenciado pelo leitor. E faz parte do processo de formação da subjetividade dessa personagem num tempo em que ser mulher com voz, no contexto em que ela se encontra, é quase inédito. A escrita de Rahel e também a de Maria Graham(1990) navegam

Dossiê: Comunicação infamiliar

num espaço de fundação do Eu dessas mulheres. Para Freud “No Eu se forma, lentamente, uma instância singular, que se pode, além disso, contrapor ao restante do Eu, e que serve à auto-observação e à autocrítica, conduzindo o trabalho de censura psíquica, que nossa consciência conhece como ‘consciência moral’ ” (Freud, 2019, p.67). Todavia, em ambas as escritoras, havia uma certa autopermissão através da escrita, para Rahel mais que para Maria, que nos parece ser mais consciente do que escreve a bordo de uma fragata inglesa do século XIX. Todavia em ambas as escrituras em forma de diário e cartas, podemos ver claramente a necessidade de uma angustiada e latente expressão, que as leva por caminhos nada convencionais para seu texto, exercendo ali um papel singular, de resistência que foge a gramática imposta para as mulheres. E que muitas vezes só é permitida para o artista, o escritor, este que tem “dentre as muitas liberdades (...) também aquela de poder escolher, de acordo com sua preferência, seu modo de figurar o mundo, seja fazendo-o concordar com a realidade por nós conhecida, seja, de certo modo, afastando-se dela”(Freud, 2019, p. 79). E é partindo desse aspecto que pensamos as escritoras em foco.

A história de Rahel já começa no capítulo I sendo contada pela história dos judeus. A fuga da Palestina e do Egito, toda a saga de um povo que começou 17 séculos antes de Rahel nascer. Morrendo aos 63 anos, Rahel chega a um acordo com essa história e parece que também isso faz parte da vida de sua suposta biógrafa, que nesse mesmo capítulo desenvolve toda a sua tese relacionando a história pessoal à história individual. Arendt (1994) diz que a história de Rahel não seria diferente se ela tivesse esquecido o seu passado judaico. E que muitas vezes a história do indivíduo independe da história de seu povo. “A história torna-se mais definitiva quando se faz nos destinos individuais.” (Arendt, 1994, p. 15) Benjaminiana, a frase é fantástica na medida em que a própria autora

Dossiê: Comunicação infamiliar

sugere que aquele que se esconde por trás de seu passado já historicizado acabava vivendo sempre como se estivesse com um guarda-chuva num dia chuvoso. Toda a questão judaica é no livro esgarçada: a assimilação, o querer e não querer ser o outro, o não judeu. Ou seja, o diário é o lugar onde as reflexões pessoais vêm à tona com uma forma que foge à gramática romântica de escritura. Não é um romance que Rahel escreve, ela faz seu diário e escreve suas cartas. E o que ali coloca é o que se pode chamar de infamiliar, é o que deveria ser segredo, é o que a angustia, o que de certa forma pode chocar aos leitores, apesar de ser moda a autoexposição, mas não a exposição de uma mulher na sua condição.

Assim, a despeito de todo o questionamento que existe sobre o diário e o que dele se fala, ser ou não ser a vida, ou uma efabulação da própria vida, esta forma de escrita nos coloca numa posição de alerta e conforme diz Lejeune, o diário “contesta os modelos estéticos clássicos, exige do leitor um papel mais ativo. Nos ensina a ler com outros olhos, a rever o campo literário que ainda se encontra submetido aos ditames neoclássicos do estético” (Seligmann-Silva, 2012, p. 4). Ou seja, o diário de Rahel, deixado em fragmentos, guardado por seu marido, e descoberto por Hannah Arendt um século depois, faz a nós, no século XXI, ficar alerta diante do que aquela mulher, amante da literatura, poderia nos dizer. E que mesmo para o século XXI pode parecer infamiliar.

Um pouco diferente seriam os diários de Maria Graham⁵(1785). Esta, com uma relação mais íntima com o Brasil, escreve cerca de 16 livros até a sua morte, que se dá em 1842. Os escritos de Graham (1990) ganham notoriedade desde sua primeira publicação e continuam a fazê-lo pois trazem

⁵ A publicação de sua autobiografia ocorreu após sua morte e foi organizada por Rosamund Brunel Gotch, sobrinha neta do segundo marido de Maria Graham. Ver Rosamund Brunel Gotch, Maria Lady Callcott. the creator of "LittleArthur". London, John Murray, 1937.

Dossiê: Comunicação infamiliar

muita informação de cunho histórico elucidando aspectos dos lugares que a autora visitou, de sua gente e sua cultura. Em seus escritos busca-se mais a historicidade do que a subjetividade, embora este dado surja nos últimos diários. No Brasil, Graham foi estudada especialmente pelas pesquisadoras Margareth de Almeida Gonçalves (Gonçalves, 2005, 2011) e Nara Marques Soares (Soares, 2015).

Maria Graham fez sua primeira visita ao Rio de Janeiro “em 1821 a bordo da fragata Dóris comandada por seu marido Thomas Graham, capitão da Marinha Real inglesa, que veio a falecer em abril de 1822 na travessia do Cabo de Horn, quando estavam a caminho do Chile” (Gonçalves, 2005, p. 1).

Podemos dizer que Maria foi também fruto do romantismo, dessa vez inglês e de toda a condição da Inglaterra em seu processo histórico com industrialização e valorização de aspectos culturais das classes, mais favorecidas.

Maria Graham, assim como Rahel, vive:

o paradigma romântico na formação do indivíduo, em que a busca por uma experiência do absoluto, encontra na viagem a oportunidade de transformação interior. Deste modo, autobiografia e viagem combinam-se nessa projeção do sujeito para a descoberta do mundo, capaz de produzir uma inflexão interna. Viagens: pelo mundo e pelas profundezas do eu se fundem na afirmação de uma individualidade singular. (Gonçalves, 2005, p. 2).

Logo, nesses diários românticos, as personagens se afirmam valorizando suas experiências pessoais, individuais, deixando também à mostra suas vontades de se exibir buscando transcender ao seu tempo e espaço. Ou seja, vemos a formação de uma individualidade, de uma subjetividade feminina que era de fato negada naquele momento, mas que nessas personagens parecem se

Dossiê: Comunicação infamiliar

construir a partir das leituras que tanto Graham como Rahel faziam e da vida que elas levavam. Suas vivências//experiências mostradas nos diários dão conta desse desejo de ser mais do que podiam, por sua condição de mulher naquele contexto.

Segundo Gonçalves (2005) a crítica feminista de Graham está no seu diário da maturidade, quando a autora vai da sua infância à sua vida madura tecendo os fios, onde critica a educação diferente dada a meninos e meninas e reclama das distinções impostas ao conhecimento para mulheres e homens.

Diante dessas mulheres percebemos que o diário era a forma mais acessível de escrita, que

tem seu convencimento estético reforçado por um elemento ético, onde a escrita é vista tanto como ducto por onde escorre a vida privada, ou onde a vida privada e pública se misturam. Texto que se transforma em energia, até muitos anos depois dos fatos passados, pois nele se misturam na sua estrutura, entrecruzam-se na sua trama a vida íntima com a pública, o trabalho literário com as marcas do real. (Seligmann-Silva, 2012, p. 3).

Contudo tais diários não deixam de apresentar o elemento que pode ser infamiliar, tanto por suas escritoras quanto pela sua forma e maneira de lidar ou mimetizar a realidade. Nos diz Freud que a coisa é diferente, entretanto, quando o escritor se coloca, aparentemente, no interior da realidade comum. Nesse caso, ele assume também todas as condições que são válidas, nas vivências, para o surgimento do infamiliar, e tudo aquilo que, na vida, tem efeito infamiliar também o tem na criação literária. Mas, nesse caso, o escritor pode elevar e diversificar esse infamiliar bem além daquilo que é possível nas vivências, na medida em que ele deixa acontecer aquilo que, na realidade, raramente ou nunca chega a se tornar experiência. Em certa medida, ele trai as crenças que supúnhamos

Dossiê: Comunicação infamiliar

superadas, ele nos ilude, na medida em que nos promete a realidade comum, quando, de fato, vai muito além dela. Reagimos às suas ficções tal como reagiríamos às nossas próprias vivências; quando percebemos o engodo, já é tarde demais, o escritor já atingiu suas intenções, mas, devo afirmar, ele não visava a nenhum real efeito (Freud, 2019).

Todavia esse formato de texto não se presta apenas para os relatos pessoais, ele ainda toma a forma de diários de campo e de viagem se caracterizando por registrar não só impressões primeiras, mas principalmente acontecimentos e fatos presenciados na sociedade do outro, sendo os primeiros matéria-prima para posterior sistematização e elaboração do texto etnográfico, os segundos embora tenham por muito tempo cumprido este papel, constituindo igualmente um manancial de testemunhos que fornecem retratos vivos de formas de vida e práticas culturais estranhas, capazes de despertar a imaginação do leitor para um mundo exótico (Andrade, 2009).

E que “assume outro papel para o antropólogo - o de legitimar seu trabalho teórico e etnográfico com a dimensão empírica e a comprovação de ter ‘estado lá’, como muito bem detectou Geertz, sendo a condição de testemunha ocular” (Andrade, 2009, p. 4). Nesse sentido antropológico, o diário de Graham se presta bem mais que o de Rahel. Ao contar sobre suas viagens, a autora deixa um grande material a ser desvendado sobre a sua primeira viagem para Ásia e sobre sua viagem na América do Sul.

No Brasil, Graham ainda escreve sobre a vida de D. Pedro I e presencia o momento da independência. Notamos que nesse percurso pelo Brasil, Graham sabe quando está em horas e lugares importantes para a história. Ao lermos, percebemos que ela tem a dimensão do fato, que de

Dossiê: Comunicação infamiliar

certa forma acompanha o historiador. Inclusive ela relata coisas que escapam da própria história tradicional do Brasil. Talvez fatos que só poderiam ser vistos por quem não estava de fato envolvido. Ela, como estrangeira, que acompanha os acontecimentos sem neles ter participação. Nesse caso, o diário pode se apresentar também documento histórico. Todavia mesmo com essa função, que pode ser pleiteada muito depois de sua criação, o diário comporta ainda correntes distintas de entendimento de sua forma, pois que, muitos não veem nessa espécie uma forma literária.

Seligmann (Seligmann-Silva, 2012), em seu artigo, prefácio dos diários de Walter Benjamin, diz que Philippe Lejeune contrapõe a biografia ao diário, pois para ele, aquela flerta com a ficção e este com a verdade. Ou seja, Lejeune mantém bem separados os campos de força da ficção e da autoescritura, e o diário seria uma “antificção” pelo seu caráter de verdade.

Outro autor que para Seligmann-Silva (2012), de certa forma, compactua da “teoria da antificção” de Lejeune é Blanchot. Este faz a crítica do diário dizendo do seu pacto com o calendário e com a verdade, o que resultaria numa superficialidade desse tipo de escrita. Blanchot, na verdade, defende o modelo romântico da inspiração do autor, onde o “espaço fechado” separado e sagrado é o “espaço literário”.

Assim, o “diário exigiria a constatação e a prova se opondo à profundidade da narrativa, submetida ao acaso”, diz Seligmann-Silva (2012). Essa visão seria uma visão positivista do diário, da qual também comunga Lejeune quando “atribui ao diário um factografia com grau zero de ficcionalidade”. Ou seja, mesmo com todas as divergências a seu respeito, o diário quando escrito se pretende narrativa, embora nos casos em questão, das duas mulheres (distintas entre si), ocorra a

Dossiê: Comunicação infamiliar

impossibilidade de isso acontecer em seu próprio tempo.

Para Seligmann-Silva (2012, p. 48), ainda falando da distinção entre diário e outras formas, “tendemos a ver no diário um testemunho, um índice, metonímia e não a metáfora que é a tradução imagética e mais distorcida dos fatos arrolados”. O diário, continua o autor, “possui também uma respiração, um ritmo que expressa e aponta para a situação anímica e corpórea de seu autor. Os traços materiais inscritos no diário (papel, tinta, borrões, rasuras, letra) reforçam o teor testemunhal do diário” (Seligmann-Silva, 2012, p.49).

Assim, podemos ver nesses diários de Rahel e Maria Graham (Graham, 1990) elementos que podem ser representações de seu tempo, assim como podem ser talvez uma construção literária, dada a vontade dessas narradoras em se mostrar e dizer o que pensavam diante da vida. Para Freud, ao falar de Hoffmann, autor de *Homem da areia* analisado no que tange ao infamiliar, e que pode ser aqui usado por nós,

o escritor cria de fato em nós, no começo, uma espécie de incerteza, na medida em que ele, certamente sem nenhuma intenção, não permite que se intua, de início, se ele nos quer introduzir no mundo real ou em um mundo fantástico, que lhe é caro. Por razões conhecidas, ele tem o direito de fazer uma ou outra coisa, e se ele, por exemplo, escolheu como cenário de suas representações um mundo no qual agem espíritos, demônios e fantasmas, tal como Shakespeare em *Hamlet*, *Macbeth* e, em outro sentido, em *A tempestade* e *Sonho de uma noite de verão*, então devemos ceder ao escritor e tratar esse mundo, pressupondo a continuidade de nosso interesse, como uma realidade. (Freud, 2019, p. 63).

No que toca a Rahel alguns elementos são ainda mais interessantes para pensarmos o que é real e o que é escrita, visto que ela parecia conversar com todas as pessoas e também trocar com

Dossiê: Comunicação infamiliar

elas correspondência. Dessa forma ela além de suas próprias experiências tinha acesso às experiências dos seus correspondentes. E não se importava que seus correspondentes mostrassem as suas cartas aos outros. Arendt (1994) diz que Rahel era indiscreta consigo mesma e que a indiscrição e ausência de vergonha eram fenômenos da época, sendo Rousseau o primeiro exemplo disso, pois havia confessado o que havia pensado, desejado, querido, sentido no curso da vida. Eram as emoções narradas que convenciam. E mais do que isso, tentamos entender como uma mulher daquele período poderia se expor para além do que lhe era permitido se ela não tivesse, de certa forma, a intuição de que seus textos ficariam para a posteridade.

No diário de Rahel percebemos também que ela parecia usar a escrita para mostrar o seu sofrimento. Arendt (1994) diz que ela não queria sofrer sozinha, queria testemunhas do seu sofrimento, principalmente aqueles provocados por amor. Faz sentido seu desejo, uma vez que os românticos queriam fazer de sua própria vida uma obra de arte, queriam ser lidos, lembrados. “Pela magia os românticos tentavam intensificar o mundo e o que a vida pudesse trazer a tal ápice de extraordinário que a realidade necessariamente deixaria de corresponder às expectativas”, o texto é de Schlegel citado por Arendt (1994, p.58).

Também outro elemento se coloca diante dessa necessidade de escrita e exposição e aparece na fala de Rahel como uma vontade de viver e ter domínio sobre o que vivia. E não viver, como dizemos hoje, no automático, mas sim viver em plena consciência de seu caminho, de seu momento, o que pela escrita é permitido que se faça.

A escrita do diário então permite essa elaboração da vida enquanto se está vivendo. Nesse

Dossiê: Comunicação infamiliar

sentido o diário é diverso da biografia, embora também nessa cronologia se possa também ficcionalizar.

No contexto do diário, a escrita de Graham (1990) se apresenta de maneira mais didática, alguns autores dizem que ela buscava escrever como se seu texto fosse para uma mãe ler para o filho, o que se justifica por ela mesma ter sido professora por 10 anos.

Diferente de Rahel, que parece nunca ter saído da Europa, Maria Graham saiu da Europa por muitas vezes, indo primeiro para Índia e depois para as Américas e essa vivência é muito presente em seus escritos principalmente quando, como um pintor, ela muitas vezes por comparação com a Europa, descreve além da paisagem indiana e brasileira, hábitos, costumes, comportamentos locais. O exemplo citado por Gonçalves (2011, p. 31) diz: “das mulheres nativas na beira do *Gate* de Bombaim que graciosamente guardam a leveza de antigas esculturas”. No dizer ainda da mesma historiadora, “O colecionador-escritor captura no presente as lembranças de um passado adormecido”. O que Graham (1990) faz é comparar o que vê com o que leu na literatura europeia. Entretanto, podemos ver também nessa escrita o infamiliar especialmente quando a autora se depara, em Pernambuco, com as imagens da escravidão, ela vê um escravo sendo açoitado em plena rua do Recife.

Essa imagem por ela descrita em seu diário nos remete ao infamiliar que Freud (2019, p. 54) diz ser “uma espécie do que é aterrorizante, que remete ao velho conhecido, há muito íntimo” e questiona “Como é possível, sob quais condições, o que é íntimo se tornar infamiliar, aterrorizante?”. Ainda para o autor, o infamiliar “seria propriamente algo do qual sempre, por assim dizer, nada se

Dossiê: Comunicação infamiliar

sabe. Quanto mais uma pessoa se orienta por aquilo que se encontra à sua volta, menos é atingida pela impressão de infamiliaridade quanto às coisas ou aos acontecimentos” (Freud, 2019, p. 55). E de certa forma é o que ocorre com Maria Graham depois dos vários anos que passa no Brasil.

Sem dúvida, que a forma de escrita escolhida pelas autoras é típica do romantismo e aparece tanto nos diários quanto nas cartas. Este formato de missiva, das duas personagens examinadas, Rahel e Graham, era comum no período, presente em livros de viagem, como se o viajante estivesse de fato escrevendo a um amigo o que dava um tom intimista para a recepção do leitor. O que também ocorria quando a carta contava acontecimentos de vários dias seguidos ou não. Era como se o viajante parasse durante um tempo em cada dia e fizesse sua carta abrangendo um longo período.

Para Gonçalves (2005, 2011) os livros de Graham, seus relatos de viagem, formam um conjunto, entre 1812 e 1825, e tal conjunto acompanhou a “sequência do itinerário de configuração do capitalismo britânico: hegemonia econômica britânica no Oriente da Índia e os novos países que emergiam das antigas Américas espanhola e portuguesa”.

Todavia, para nós, interessa além disso pensar a forma como tanto Rahel quanto Graham, já indicam “a emergência de um sujeito psicológico que assegura a autoridade da narrativa e firma o pacto autoral com o leitor. A constituição da História como ciência deu-se, todavia, numa transição em que as fronteiras entre os diversos gêneros” (Gonçalves, 2011, p. 13) não são ainda demarcadas.

Nos livros de viagem percebe-se que as formas variam, às vezes são cartas, outros diários, outras descrições e relatos com cunho bem etnográfico, exaltando, espaços geográficos, fauna, flora

Dossiê: Comunicação infamiliar

etc. Talvez fosse o formato que na época agradasse. E tanto agradou que houve um aumento do público leitor. Também serviam tais livros para estudos, para formação das pessoas, em termos de conhecimentos gerais. Afinal era uma nova fase, a burguesia se consolidava como classe, agora já passando a um outro patamar, que necessitava criar um capital cultural.

Por outro lado, há também os chamados: diários de campo de antropólogos e sociólogos. Nesse o “interesse pela literatura de viagem que associada particularmente aos viajantes estrangeiros nos conduziu à descoberta de diários de viajantes brasileiros em busca de explorar recantos longínquos de suas próprias terras, para viver sua experiência com o exótico” (Andrade, 2009, p. 5).

Logo, vemos que os

primeiros relatos de viagem dos antropólogos no Brasil são ainda marcados por um espírito naturalista, próprio dos relatos dos viajantes estrangeiros dos séculos anteriores, que em conjunto se caracterizam pelos seguintes aspectos: a subjetividade, o registro da experiência com a alteridade, além da descrição etnográfica para retratar a cultura do outro. O que há em comum entre esses viajantes do século XX, especialmente os brasileiros, é o propósito da descoberta do Brasil pelos próprios brasileiros e a alteridade experimentada ante a revelação de um país desconhecido. (Andrade, 2009, p. 5).

Cabe notar que, estilisticamente, também os diários de campos e relatos de viagem, que viram material para a antropologia, “exprimem as formas adotadas pela escrita dos diários e sua aproximação ao estilo literário, em que os registros de determinados acontecimentos tornam-se parte do repertório das lembranças que interessam particularmente a este estudo” (Andrade, 2009, p. 10).

Dessa forma é que Andrade (2009) vê a escrita de Lévi-Strauss, Darcy Ribeiro, Gilberto Freyre, Mário de Andrade, Roger Bastide, e afirma que as viagens de campo desses estudiosos coincidem

Dossiê: Comunicação infamiliar

com a fase de estruturação da etnografia brasileira. E até que ponto também nessas escritas não encontramos o infamiliar, como denomina Freud (2019).

Nesse sentido, “a tessitura da memória requer igualmente a reunião dos fragmentos dos relatos subjetivos dos diários íntimos, de viagem e de campo, para compor uma memória coletiva formulada como narrativas sínteses, uma espécie de etnografia do pensamento” (Andrade, 2009, p. 2).

Assim, pautados nessa final afirmativa de Andrade (2009) os diários de Graham se constituem desse emaranhado de informações de toda ordem junto com seus relatos subjetivos, sua intimidade e relações de amizade, que ela faz questão de mostrar. Em Rahel, por estar mais restrita a um espaço geográfico único, o emaranhado se faz mais propositalmente de suas relações no círculo de amigos românticos de Berlim, aqueles que transitavam em torno de Goethe. Todavia ambos os trabalhos possuem esses elementos de um EU feminino, que se dá a liberdade de expressão. Tanto que Graham, Lady Maria Graham Calcott, escritora viajante do século XIX, como era chamada, contou com 16 livros escritos e 14 publicados, antes de sua morte.

Nesse contexto entendemos que o distanciamento que tomamos dessas obras também pode nos levar a um caminho quanto a outras questões. Dessa vez menos em relação ao material da escrita (voz feminina, subjetividade) e mais em relação a estrutura dela. Isto é desenvolvido na ideia do artista como etnógrafo, de Hal Foster no ensaio “*The artist as ethnographer*” do livro *The return of the real* (2001). Para Klinger (2012) essa ideia não seria de todo nova, visto que, já as vanguardas do século XX, principalmente o surrealismo, tinham usado esse recurso como forma estética.

No momento atual, segundo Klinger (2012), estaríamos vivendo o que seria uma “virada

Dossiê: Comunicação infamiliar

etnográfica”, que se apresenta na narrativa contemporânea. Para a autora esse narrador-etnógrafo difere do narrador tradicional benjaminiano. Isto porque, a experiência daquele ‘não é a de si, mas a de um mundo afastado, um mundo culturalmente distante do seu’ e também, diverso no narrador tradicional, o narrador contemporâneo não pode, nem pretende extrair dessa experiência alguma sabedoria.

O narrador-etnógrafo nada retira da experiência pois o que interessa é a ‘vivência’, da qual não se extrai sabedoria. Ou seja, “a valorização da vivência em detrimento da experiência, ou a subtração da autoridade à experiência, é característico da antropologia pós-moderna” (Klinger, 2012, p. 102); e, segundo Agamben, citado pela mesma autora, a destruição da experiência hoje não precisa de nenhuma catástrofe, como na época de Benjamin. Para isso, basta a existência em qualquer grande cidade, onde as pessoas retornam à noite a sua casa extenuadas por uma quantidade de acontecimentos sem que nenhum deles tenha se tornado uma experiência, diz a autora tomando Agamben por base (Klinger, 2012).

Logo, essa escrita etnográfica pós-moderna, não é aquela que citei dos antropólogos, mas uma escrita narrativa fruto da vivência e não da experiência dos seus narradores, na verdade, seria uma escrita pós-etnográfica que se caracterizaria pela “exposição de si mesmo (autor) concomitantemente com a retirada da autoridade da experiência e ambas articulam um conflito de representação” (Klinger, 2012, p. 107).

Assim, diário, etnografia e relato de viagem, possuem várias visões: seja do eu, ou do outro. Também por isso, cada época dá a eles importância diversa. Seja real ou real inventado, de si ou de

Dossiê: Comunicação infamiliar

outrem, o fato é que eles estão aí desde o romantismo. E qual seria o seu local (entendido aqui como englobando todas as formas que falamos) na literatura? Já que se trata de um tipo sem classificação? E, para quem se escreveriam os diários, ontem, hoje, e por quê?

Benjamin, escrevia e lia para Lacis partes do seu diário, pois queria criar uma intimidade com ela. Os antropólogos escreviam, talvez para dizer que estivessem de fato no local.

Rahel com suas cartas e diários queria ser conhecida pois questionava: “o que é o ser humano sem sua História? Produto da natureza e nada de pessoal”. E achava que “a história se torna mais definitiva quando se faz nos destinos individuais”. Ou seja, diz Hannah Arendt, essa produção seria a “manifestação desinibida, a indiscrição franca que se não é endereçada a posteridade é a um ouvinte real que, anônimo, como se não pudesse responder, como se existisse simples e unicamente para ouvir”. (Arendt, 1994, p. 28)

Graham (1990) queria, além de se expressar, contar sua experiência como mulher num espaço predominantemente de homens.

Para a literatura, cabe ainda um estudo maior dessa forma que invade, mesmo através de imagens, as mídias eletrônicas, enche as livrarias, de um jeito talvez híbrido, mas que pelo caráter confessional, pelo ritmo, pela energia continua a ganhar adeptos, leitores e escritores.

Para Foucault (Foucault, 2006), em seu texto “A escrita de si”, do livro “Dito e escritos” - a escrita de si não é apenas um registro do eu, mas desde a antiguidade clássica até hoje, passando pelo cristianismo da idade média, constitui o próprio sujeito, performa a noção de indivíduo, e é a escrita de si que contribui especificamente para a formação de si.

Dossiê: Comunicação infamiliar

A ideia de performar a noção de indivíduo então se adequa ao momento que vivemos da espetacularização do sujeito, especialmente pelas mídias sociais.

Sugerimos um surto de imaginação, e podemos ver Graham fazendo fotos de todos os lugares que ela foi, não só fotos, mas *selfies*. O que seria então muito diferente, pois quando o sujeito hoje fotografa, ou mesmo se fotografa na paisagem ele, sequer olha a mesma. Ele nada tira do momento em que fez a foto, ele sequer para a pensar ou contemplar como faz Graham, quando narra o que vê e sente. Logo, hoje, não tem experiência qualquer, apenas a vivência momentânea como a do próprio instantâneo da foto. Depois da foto, é o nada.

E embora hoje muitos romances se voltem para a possível experiência do autor, está pode não passar de apenas espetacularização, vivência e não de fato experiência. Assim,

o avanço da cultura midiática de fim de século oferece um cenário privilegiado para afirmação dessa tendência, nela se produz uma crescente visibilidade do privado, uma espetacularização da intimidade e a exploração da lógica da celebridade(...) assistimos hoje a uma proliferação de narrativas vivenciais, ao grande sucesso mercadológico das memórias, das biografias, das autobiografias e dos testemunhos, ao inúmeros registros biográficos na mídia[...]. (Klinger, 2012, p. 23).

Por fim, se a “aproximação da ficção contemporânea à escrita de si inscreve-se no espaço interdiscursivo de outros textos não-literários da cultura contemporânea que evidenciam que esta ficção está em sintonia com o “clima da época” (Klinger, 2012, p. 23), isto, pelo que vimos, não era diferente no romantismo. Em ambos os casos, ontem e hoje, na escrita da vida nos diários, está inserida a trama das relações que permeiam as personagens e por isso todo relato autobiográfico acaba remetendo para além das personagens que narram, e quanto ao diário, ele não é uma simples

Dossiê: Comunicação infamiliar

visão imitativa dos fatos da vida, pois “aprendemos agora a ler nessas páginas, fragmentos de um presente que se amontoa diante de nós, de um passado que não passou. Pretérito presente. Fruto de um trabalho de coleta e de arranjos de fragmentos”. (...) A marca do texto de diário é a “presentidade”, tudo se encontra em “estado de acontecer”, “Isso sustenta a estruturação do texto e lhe impregna com uma irrefutável intensidade. O diário permite o passo a passo com o autor-protagonista” (Seligmann-Silva, 2012, p. 8).

Assim, diz Novalis como citado por Seligmann-Silva (2012, p.8), “o verdadeiro leitor deve ser o autor” e é justamente essa sensação, que envolve a recepção da leitura, que provocam os textos, diários e cartas de Maria Graham (Graham, 1990) e Rahel Varnhagen (Arendt, 1994), ambas mulheres românticas que buscavam a construção do seu ser, da sua subjetividade pela escrita.



Figura 1 - Graham em Pernambuco.



Figura 2 - Retrato de Rahel Varnhagen Von Ense por volta de 1800, feito por Moritz Michael Daffinger.

Referências

- Andrade, M. O. de. (2009). Percursos de conhecimento: Memória da antropologia brasileira através dos diários de campo e de viagem. *Política & Trabalho: revista de ciências sociais. Revista Política & Trabalho*, 27(30), 243–266.
- Arendt, H. (1994). *Rahel Varnhagen, a vida de uma judia alemã na época do romantismo*. Relime Dumará.
- Foucault, M. (2006). *Ditos e Escritos: Vol. Volume III: Literatura e Pintura, Música e Cinema* (4º ed). Forense Universitária.
- Freud, S. (2019). *O infamiliar [Das Unheimliche]. Edição comemorativa bilingue*. Editora Autêntica.
- Gonçalves, M. de A. (2005). Subjetividade e viagem em Maria Graham. *Anais Eletrônicos do XXVIII Simpósio Nacional de História*. https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548206570_8c1de5e986113fa09436ae2202a5ab29.pdf
- Gonçalves, M. de A. (2011). Livros de viagem do Oitocentos e a fabricação do Oriente: A Índia e a escrita em Maria Graham. *Topoi (Rio de Janeiro)*, 12, 96–117. <https://doi.org/10.1590/2237-101X012022006>
- Graham, M. (1990). *Diário de uma viagem ao Brasil*. Ed. Itatiaia; EDUSP.
- Klinger, D. I. (2012). *Escritas de si, escritas do outro: O retorno do autor e a virada etnográfica* (2º ed). 7 Letras.
- Seligmann-Silva, M. (2012). O esplendor das coisas o diário como memória do presente na Moscou de Walter Benjamin. Em *Escritas da Violência* (Vol. 1). 7 Letras.
- Soares, N. M. (2015). *Maria Graham Calcott: Revisão bibliográfica e considerações sobre sua escrita*. https://www.academia.edu/28873124/Maria_Graham_Callcott_revis%C3%A3o_bibliogr%C3%A1fica_e_considera%C3%A7%C3%B5es_sobre_sua_escrita.